Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

"RECORDAÇÃO DA CASA DOS MORTOS"[1]: apontamentos sobre a docência em uma penitenciária do estado de São Paulo

Elias Coimbra da Silva
coimbraelias@hotmail.com

Doutor em história e doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Endereço: Rua da Liberdade 185. Campos Elíseos. CEP: 14085-250. Ribeirão Preto/SP

RESUMO

O presente texto procura expor os desafios, estranhamentos e questionamentos do autor, quando de sua experiência como professor de detentos num dos inúmeros presídios paulistas. Para tanto, utiliza-se como abordagem teórica e metodológica a chamada História (ou Trajetória) de Vida, vanguarda nas pesquisas acerca da Formação de Professores, devido tanto à natureza da fonte: um relato, quanto ao objetivo do trabalho: a teia de significados da cultura. Esperamos, ao final, ter acrescentado um pouco mais ao conhecimento sobre essa hermética instituição, ou seja, a Prisão, bem como sobre o processo Ensino-Aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

Aluno, Campo, Penitenciária, Ser Humano, Violência.

[1] As aspas justificam-se na medida em que esse é o título de um romance do russo Dostoiévski (*vide* Referências Bibliográficas). Romance, aliás, o qual tratava exatamente do mesmo assunto tratado aqui, no texto que se segue.

"THE HOUSE OF THE DEAD":
notes oh the teaching in a penitentiary of the state of São Paulo

ABSTRACT

The present text intents to expose the challenges, estrangement and questioning of the author along his experience as a professor of inmates in one of the numerous prisons of the State of São Paulo. For such, we use the a theoretical and methodological approach also known as Life Histories - which is the vanguard in research on Formation of Teachers - due the condition of the sources (story) as well as the objective of the endeavor (web meaning of culture). We intent at the end to have added a little more to the knowledge on this hermetic institution, namely the Prison, as well as about the Teaching and Learning process.

KEYWORDS

Student, Field, Penitentiary, Human Being, Violence.

Introdução

O texto a seguir insere-se na perspectiva metodológica da Trajetória ou História de Vida, atualmente em voga nos estudos sobre Educação (e, portanto, Ensino de Geografia), no Brasil e na Europa, tal como os trabalhos de Nóvoa atestam[2]. Trata-se de um relato sobre um período da minha vida de professor, período no qual trabalhei na educação de detentos, entre os quais havia condenados por crimes como assalto, homicídio, tráfico de drogas etc. Aquele trabalho, condicionado por uma política pública de ressocialização de detentos, durou apenas seis meses, no ano de 2005.

Naturalmente, além da simples descrição, procuro refletir sobre os eventos, pois hoje, doze anos depois, com essa perspectiva, senão de história ao menos de memória, já me é possível avaliar melhor algumas das situações por mim vivenciadas. De fato, a própria descrição traz consigo uma postura reflexiva (HOLLY, 2007), na medida em que escolhas são realizadas: escolhas das "melhores" palavras para dizer o que quer que seja dito e escolhas entre o que será dito e o que será omitido.

Destaco, também, a importância dessa experiência com educação de detentos, no conjunto da minha "vida de professor" (a propósito, esse é título do livro de António Nóvoa. *Vide:* Referências Bibliográficas). Conforme Ivor Goodson, frequentemente a pesquisa no ensino, quando traz o professor para o proscênio, recai sobre o trabalho dele

[2] Contudo, esse não é um segmento majoritário na academia, mas antes uma vanguarda, conforme destaca GOODSON, (2007, pp. 70-71): "A explicação mais consensual parece ser a de que os dados sobre as vidas dos professores não se adapta aos paradigmas de investigação existentes. Se for o caso, então são os paradigmas que estão errados e não o valor e a qualidade deste tipo de informação".

em sala de aula, deixando escapar importantíssimos elementos da vida do mesmo professor, que irão influenciar decisivamente o que acontece dentro da sala de aula.

Entretanto, numa situação como aquela que vivenciei, a distinção entre o estar *dentro* da sala de aula e o *estar fora* dela não tem o mesmo sentido apontando por Goodson, pois o meu *estar fora* (nesse caso específico) é também *estar dentro* de um presídio. Assim como o *estar dentro* da sala de aula carrega, indelevelmente, a marca daquele complicado "ambiente".

Em todo caso, esse é um singelo exemplo da estranheza que se me acometeu, naquela circunstância. Estranheza essa que mudou a minha maneira de entender a educação, como também de entender a própria vida e que, assim, exigiu-me a esforço desse relato, posto que a própria vida nada mais é do que um relato[3]: "Os adultos [...] não procuram escrever sua história para fazer literatura e, ainda menos, como atividade disciplinar. Eles procuram escrever sua história para tentar sobreviver, isto é, em primeiro lugar, ganhar sua vida, fazê-la ou refazê-la e compreendê-la um pouco." (PINEAU, 2006, p. 43)

Os últimos dias

Na última ocasião em que saí da Penitenciária, aquele senhor negro, alto, com calça de linho e camisa de botão com manga, havia me oferecido carona. A maneira como se vestia – segundo ele mesmo disse – devia-se a certa ocasião na qual tinha visto, pela primeira vez na vida, um negro de terno e aquilo o impactou fortemente. Dentro do carro – me lembro como se fosse agora – eu estava constrangido por me sentir um pouco culpado por aquela "demissão", mas ao mesmo tempo eu sentia que se dissesse alguma bela frase como "Foi uma honra trabalhar com você", as coisas reverteriam-se a meu favor. O fato é que desci do carro, olhei bem para o rosto dele e disse, pausadamente, a tal frase "bela".

Ele inspirava uma dignidade muito grande. Não sei direito porque eu tive essa sensação, mas, pensando hoje sobre isso, quer me parecer que aos outros colegas essa mesma sensação não devia ser completamente estranha. Pensando, além disso, noutras coisas, agora que o benefício da visão retrospectiva se me abre, e retornando sobre as minhas próprias pegadas, me vem à cabeça que eu fui "demitido" – talvez seja uma

[3] Naturalmente, quando se fala da Formação de Professores e no Ensino de um modo geral, a coexistência entre o relato e o texto é obvio. Mas, isso não implica que outros sujeitos, inclusive iletrados, lancem mão do relato como modo de apropriarem-se de suas vidas, imputando a elas um sentido, uma direção. As pesquisas com Fontes Orais demonstram claramente essa tendência humana de reinventar continuamente o relato de sua própria vida.

expressão muito forte, em se tratando de um estágio – e demitido sem maiores explicações, mas não me senti constrangido. Na verdade, me senti aliviado e, mesmo depois (meses depois) quando eu entrei na sala de aula do Cursinho [omitido para avaliação] – onde eu lecionaria Literatura pelos três anos seguintes – eu me lembro de ter pensado sobre minhas aulas na Penitenciária e sobre a rotina estressante que experimentara então.

Naquele momento, ainda tão próximo da experiência, já me pareceu ter retirado das costas a rocha de Sísifo. De qualquer forma, foi em muito boa hora a minha saída, uma vez que dias depois, em 14 de junho de 2005 (TERMINA, 2005), explodiu uma das piores rebeliões que aquela Penitenciária, a [omitido para avaliação], atravessou. Tendo havido, inclusive cinco decapitações (na Figura 1, notamos uma cabeça presa a um mastro), aliás, coisa comum nesse tipo de evento.



Figura 1 - Foto da rebelião de 2005, na Penit. [omitido para avaliação].

Na ocasião do trabalho com os detentos, eu residia na cidade paulista de [omitido para avaliação], na casa de minha mãe. Eu mudara para [omitido para avaliação] (no estado de São Paulo) em 2003, na ocasião do meu ingresso ao curso de Geografia (na Universidade [omitido para avaliação]: Uxx), aos 25 anos de idade e, dois anos depois, fui para [omitido para avaliação], 60 km de distância da mesma Uxx. Eu estudava à noite e trabalhava no período matutino. Acordava às 06:30, pegava o material

e descia até o presídio numa caminhada de um quilômetro e meio, aproximadamente.

É importante ressaltar que nós, os oito estagiários, tínhamos um vínculo contratual com o CIEE[4], embora trabalhássemos "através" da FUNAP[5]. Havíamos sido "contratados" na Uxx, a partir de uma prova escrita, seguida de uma entrevista. Diga-se de passagem, na entrevista me sentei entre quatro desconhecidos e "quebrei o gelo" comentando que parecia se tratar (a entrevista) de um interrogatório; dadas as expressões sérias nos rostos deles e a disposição das cadeiras. Após alguns sorrisos, entramos por falar de processos disciplinares (na acepção foucaultiana) e teoria das organizações. No final da seleção, nós, os melhores classificados, fomos levados a um curso sumário, na Penitenciária de [omitido para avaliação]; onde, aliás, tivemos o primeiro contato com a "dura realidade".

Então lá estava eu, acordando às 06:30, comendo meu pão e bebendo aquele leite com café. O cansaço era grande, pois eu viajava diariamente de ônibus entre a universidade e a cidade de [omitido para avaliação]: 70 quilômetros de Migração Pendular (MOURA; CASTELLOBRANCO; FIRKOWSKI, 2005.). Depois eu já me encontrava frente à porta da Penitenciária, com meu crachá – tínhamos que passá-lo pela máquina de ponto, que registrava o horário de nossa entrada; e, consequentemente, de saída. O procedimento de segurança, que se aplicava aos professores[6], era o mesmo aplicado aos funcionários de um modo geral, ou seja, não éramos "revistados". Isso é importante ressaltar, pois, num determinado momento, algum líder – geralmente alguém ligado ao PCC – viria até a gente para oferecer uma "parceria" (pois tínhamos um acesso ao local, mais "inseguro" ou: menos controlado do que aquele, ao qual parentes e amigos dos detentos, tinham direito).

Dito e feito. Numa das duas salas em que, então, eu trabalhava, um detento novo apareceu. Utilizando aqui, por razões óbvias, um nome fantasia, eu o denominarei de "Capitão" e, como ele possuía dois comparsas, eu os denominarei de "Soldado Negro" e "Soldado Branco", utilizando a distinção mais óbvia existente entre os dois (a melanina) e para não fugir da questão do anonimato.

---

[4] O chamado Centro de Integração Empresa Escola (ver: http://www.ciee.org.br).

[5] "A Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel – FUNAP, instituída pelo Governo do Estado de São Paulo por meio da Lei nº 1.238, de 22 de dezembro de 1976, é vinculada à Secretaria de Estado da Administração Penitenciária conta, atualmente [em] 157 estabelecimentos penais, com uma população de, aproximadamente, 210 mil presos. [...] Tem por missão institucional planejar, desenvolver e avaliar, no âmbito estadual, programas sociais nas áreas da assistência jurídica, da educação, da cultura, da capacitação profissional e do trabalho para as pessoas que se encontrem privadas de liberdade, desenvolvendo, assim, seus potenciais como indivíduos, cidadãos e profissionais e contribuindo para a inclusão social dos mesmos." (Disponível em: <http://www.funap.sp.gov.br/site/index.php/sobre_funap>. Acesso em: 01 jun. 2017)

[6] Denominei-me "professor", pois eu era o único estagiário na Penitenciária-I, de [omitido para avaliação], que lecionava. Outras das pessoas que, como eu, trabalhavam na Reabilitação, eram já profissionais. Os outros estagiários foram divididos entre outros presídios da região Oeste de São Paulo; aliás, nessa região do Estado, "o que não falta é cadeia" (frase que ali se transformou em dito popular).

A apresentação do Capitão deu-se na sala do "Alfa–3"[7]. Tratava-se duma cela adaptada como sala de aula (Figura–2); uma cela não absolutamente quadrada, porém não retangular. Ela deveria ter uns cinco metros de lado (o que resultaria, nesse caso, nuns 20 m²) e possuía uma espécie de lavabo numa extremidade, para o uso exclusivo dos detentos (inclusive para fumar; seja lá o que fosse). Notem que eu não deveria, em hipótese alguma, me ausentar da sala (leia-se: da vigilância dos agentes que ficavam no corredor), pois o local, descrito na Figura 2 como "grade lateral", era exatamente uma grade contígua, com uma abertura à direita: o acesso para a "sala de aula".

Do lado do lavabo, ou melhor, na mesma parede ficava a lousa (o "quadro verde"), na qual eu anotava algumas coisas, enquanto que na parede frontal e paralela a essa, ficava a tal grade. Os detentos entravam primeiro, sentavam-se e, em seguida, eu era chamado para entrar sozinho e então um agente trancava a porta e punha-se a vigiar; sentado numa cadeira no corredor.

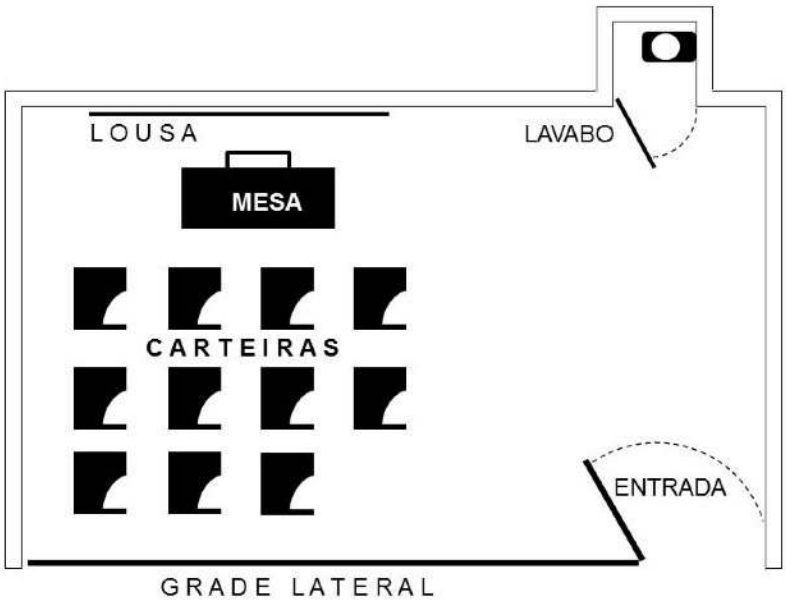


Figura 2 - Esquema da sala de aula (do Autor).

As aulas transcorriam bem até aquele dia. Em pouco tempo o clima de amizade –

[7] Trata-se de um "módulo", no qual aquela metodologia de ensino era dividida. O "Programa Alfa" teria surgido, no Brasil, no final da década de 1970, sob o esforço da chamada "Educação Compensatória" (cujo foco é a "marginalização cultural") que visava reformar a educação tecnicista do período imediatamente anterior (BERNARDES, 2002).

evidentemente relativizado em função dos interesses dos alunos por uma pessoa que, como eu, tinha livre trânsito por ali – permitia que eu até contasse piadas e coisa do gênero. Havia casos, aliás, em que arrisco dizer que o sentimento de amizade era mesmo palpável: um dos detentos me confessava seu sofrimento por ter sido abandonado pelos familiares e quase me implorou para que apresentasse a ele alguma amiga ou agisse como "fiel carteiro" numa improvável troca de correspondências entre ele e alguma habitante local – o que recusei.

Assim, até aquele dia, o diálogo era bem franco. Mas, quando entrei na cela (no fatídico dia), notei que a configuração dos alunos estava bem diferente do que eu costumava ver. Nas cadeiras da frente (uma fileira de cinco cadeiras-universitárias) sentaram-se o Capitão, o Soldado Negro e o Soldado Branco. Os demais colegas (naquele dia, não mais do que 8 ou 9) amontoavam-se duas fileiras depois, no fundo da sala de aula.

Quem trabalha como professor conhece o significado dessa postura: os alunos encostados na parede do fundo da sala. Isso significa distanciamento, "indiferença"[8]. O aluno quase consegue dizer "estou aqui de corpo, não de alma". Mas, naquele caso, eu precisava fugir de interpretações ortodoxas. A leitura que fiz – e faço – da situação, me diz que aqueles alunos "emparedados" estavam fugindo do Capitão e não de um diálogo comigo.

Como eu já havia considerado, tratava-se provavelmente duma liderança do PCC[9], com os seus dois "capangas". Utilizo o pseudônimo Soldado Negro para o detento que, segundo ele mesmo me dissera, fora preso por assaltar o Banco Bradesco; anos antes ele havia assassinado o próprio pai, enquanto assaltava o comércio do mesmo. Soldado Negro era (obviamente) um homem negro, magro e com cerca de 1,90 – 2,00 metros de altura. Ele era verborrágico e um pouco gentil. Por outro lado, não sei nada sobre seu colega, o Soldado Branco. Mas, tenho que reconhecer que entre todos os detentos com os quais lidei, ele foi o único que me causou verdadeiro receio, porque me

---

[8] Conforme Oliveira (2012), podemos classificar a chamada "violência escolar" em três modalidades: a) Violência de fato; b) Incivilidade; c) Violência simbólica. Sendo que, nessa última encontramos: "[...] a falta de sentido em permanecer na escola [...]; o ensino como um desprazer [...]; a violência das relações de poder entre professores e alunos; **a negação da identidade e satisfação profissional dos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos**". (p. 53, **grifo nosso**)

[9] "Pouco se sabe efetivamente sobre as origens e a história da criminalidade organizada no Estado de São Paulo, além de Mingardi (1998), de Christino (2001) e Amorim (1993). Não há acúmulo de conhecimento comparável aos estudos disponíveis sobre Rio de Janeiro, em especial os longos estudos de Zaluar (2004) e também de Misse (2006), já mencionados. Tampouco, o que se sabe sobre a emergência do [Primeiro Comando da Capital] PCC é ainda bastante insatisfatório. Tudo indica que essa organização foi constituída, em 1993, no Anexo da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté (SP), conhecida por longa história de maus-tratos impingidos aos presos. Tudo indica que a organização nasceu de uma resistência aos maus-tratos, como uma forma de proteção contra as arbitrariedades cometidas por agentes penitenciários e mesmo contra a dureza do regime disciplinar imposto pela direção do estabelecimento penitenciário." (ADORNO; SALLA, 2007, p. 25)

olhava como aquele tigre do zoológico, andando de um lado para o outro em sua jaula – e, obviamente, o meu medo estava no fato de que não havia uma grade entre nós dois.

Quanto ao objetivo, daquela visita da liderança, tratava-se de me subornar. A proposta do Capitão era R$ 1000,00 para cada telefone celular que eu trouxesse para ele (considerando o fato de que com aproximadamente R$ 500,00 era possível comprar um aparelho desses, meu lucro seria razoável).

Em todo caso, declinei da proposta e avisei aos agentes que o Capitão estava proibido de frequentar as aulas. Creio que é desnecessário detalhar essa parte. Prefiro passar direto para os dias finais (no meu trabalho). Foi durante o mês de junho e, como disse antes, fui desligado. Além disso, não sei exatamente o motivo desse desligamento. Mas, destaco que descumpri algumas normas de etiqueta, me indispus com um agente e fiz declarações proibidas. Vou explicar.

Primeiro, sobre a "indisposição", o fato ocorreu durante uma aula com o Alfa–2, ou seja, com os alunos que correspondiam, aproximadamente, às 3ª e 4ª séries do fundamental, anteriores à Lei nº 11274/2006 (que instituiu o ensino fundamental com nove anos). No transcorrer da aula, cujo conteúdo era a "operação de multiplicação", um dos alunos sentiu-se mal e, conquanto estivesse com uma aparência que inspirava preocupação (sua cor, por exemplo, estava mais pálida do que de costume), lhe interroguei sobre algum acontecimento incomum naquele dia. Ele então me explicou que havia ficado duas semanas no "pote".

Como todos devem saber, as penitenciárias costumam possuir espaços de isolamento com a finalidade de "punir" os detentos – às vezes chamados de "solitária". Ironicamente, seria algo como uma punição dentro de outra punição ou, dito de uma forma filosófica, com a ruptura do contrato que o poder representa, a violência é utilizada para re-forçar aquele contrato[10]. Evidentemente essa "punição" é a exceção enquanto que a pena (a outra punição, ou: punição primordial) é a regra. Portanto, a pena – com o conjunto de violências subsumidas por ela – é aceita "pacificamente", enquanto que o tal isolamento é visto com desconfiança.

Bem. Naquela penitenciária, o lugar dessa punição de isolamento era denominado "pote" (*pot, ewer,* em inglês) e, não raras vezes, os detentos utilizavam (entre si) a expressão jocosa: "vão te jogar no pote". Como eu disse, havia alguma

[10] Hannah Arendt (HABERMAS, 1987), assim como Foucault, defende uma concepção reticular de poder. Segundo a filósofa alemã, o poder não é um objeto do qual um indivíduo (rei, presidente, chanceler) pode se apropriar, mas uma relação entre inumeráveis pontos (os lugares sociais) ocupados por indivíduos com interesses diversos, mas, convergentes numa determinada questão em particular: a necessidade de manter ativo o jogo do poder. Nesse sentido, quando o jogo – o "concerto" de Arendt – tem sua normalidade (normatividade) contestada, a violência é utilizada como solução.

desconfiança quanto à legitimidade dessa punição de isolamento e, além disso, havia uma regra segundo a qual o detento deveria ficar não mais do que uma semana no "pote". Aqui chegamos ao ponto: aquele aluno pálido, teria ficado duas semanas.

Foi assim que pedi ao agente que estava, na ocasião, no corredor que encaminhasse o aluno até a enfermaria. Enquanto lia a Bíblia Sagrada, ele demorou a me responder e, quando o fez, sua resposta não foi o que eu esperava: "ele está fingindo". Insisti que nenhum de nós dois éramos médicos e que, portanto, não estávamos aptos a diagnosticar o "paciente". De todo modo, é disso que me refiro quando falo que me indispus com um agente.

Lembro-me bem daquele dia, quando voltava para minha casa após a discussão com o agente. Estava na hora do almoço e pensei comigo que jamais o conceito de "valor" ficara antes tão claro, tão óbvio, quanto depois daquela demonstração[11]. Aquele homem pálido, provavelmente febril, justificava a aplicação da correção (a violência), uma vez que ele "mereceu" – são palavras dele. Mas, ao mesmo tempo, ele se sentia violentado pelo fato de que teria sido injusta sua permanência por uma semana a mais, posto que esse acréscimo era injustificável – na avaliação do mesmo.

Ora, o ambiente em meio ao qual eu vivi e pelo qual tenho me orientado (o meu sistema de valores), me explicaria que o "pote" ou mesmo a pena imputada pelo judiciário – instituição regular e socialmente reconhecida como válida – é insuportável. Porém, insuportável para mim: homem branco, professor, nascido e crescido em cidade do interior etc. Aparentemente Dostoievski estava correto: "A melhor definição que posso dar de um homem é a de um ser que se habitua a tudo" (DOSTOIÉVSKI, 1972, p. 15).

Passo a analisar, agora, as normas de etiqueta.

Algumas reflexões teóricas

Primeiramente, é importante explicitar aqui o recurso teórico do qual pretendo fazer uso ao longo daquilo que denomino: reflexões. Trata-se do pensamento de Pierre Bourdieu e, mais especificamente, do seu conceito de Campo[12]. Tal uso se justifica na

[11] "Através, sobretudo, da influência de *Structure of Social Action* (1937), de Talcott Parsons, assim como da do conceito de *estatuto* social, a idéia de que a integração é assegurada primordialmente por um sistema de valor compartilhado tornou-se um lugar-comum do funcionalismo norte-americano". (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 791)

[12] Corolário de outro conceito do mesmo autor: "Poder". Bourdieu (1998) pressupõe que as relações sociais são, mormente, "trocas", de forma que uma relação de exploração (tal qual aquela existente entre o capitalista e o trabalhador) deve ser compreendida como uma troca na qual as partes pensam que estão ganhando de alguma forma. Pois bem, considerando essa negociação *vis-à-vis,* entre as partes, numa Relação de Poder, devemos conhecer os detalhes dessa troca (portanto, o Campo) para explicar o sentido dela; e não conhecer o contexto que envolve essa "pequena" relação.

medida em que a abordagem do mesmo Bourdieu estabelece uma tensão contrária ao tradicional princípio do "contexto social" ou "histórico", princípio segundo o qual, as explicações, nas Ciências Humanas, partem do contexto para (só depois) tratar do fenômeno específico.

Sem o meu apelo a esse recurso as reflexões que iniciarei a seguir seriam superficiais. Pois, se algumas coisas que acontecem num determinado presídio acontecem, também, em outros presídios, elas jamais aconteceriam nas escolas onde trabalhamos ou na universidade. Evidentemente, no caso concreto que venho apresentando ambos os espaços (prisão e escola) interseccionam-se. Enfim, é melhor que eu teça os comentários após outro breve relato.

Trata-se do problema das normas de convivência – ou: etiqueta, se o termo for preferível. Desconhecendo o funcionamento do Campo no qual eu me inseria, infringi tal norma quando, na minha primeira aula na sala do Alfa-2, coloquei (sem notar) dois alunos em conflito. Mas, não foi a mesma sala na qual ocorreu o "caso das duas semanas no Pote" – que narrei um pouco acima. Foi uma sala com a qual eu não iria trabalhar e estava acompanhando uma professora experiente: como num micro estágio.

Lá estávamos nós – a professora, eu e os alunos – com tudo transcorrendo normalmente, até que faltassem 10 ou 15 minutos para o término da aula. Naquele momento, ela e eu deveríamos ir embora, enquanto que os alunos seguiriam para o refeitório. Por esse motivo, perguntei a um dos alunos o que haveria para o almoço, ao que ele asseverou que tratava-se de arroz, feijão, ovo e um vegetal: "o mesmo de sempre" – foi o final de sua frase. Retruquei, então, que um prato de arroz e feijão bem feito era uma ótima refeição, entretanto, meu interlocutor ridicularizou as habilidades culinárias dos colegas.

Então, aquele deboche foi respondido com uma ameaça, por parte de um colega sentado duas fileiras ao lado, posto que, as refeições dos detentos eram feitas, na cozinha do local, por outros detentos, ou seja, não havia funcionários(as) cozinheiros(as). De forma que a ofensa à comida fora entendida como uma ofensa pessoal e, naquele Campo, qualquer desavença, por menor que fosse o objeto de disputa, era resolvida com violência extrema.

Em sua ameaça, o detento que trabalhava na cozinha deixou implícito que, durante alguma eventual rebelião, o ofensor seria morto. Mas, apesar do evento (de 2005) relatado no início deste texto, não sei dizer se o ofensor estava entre os (cinco) decapitados e, portanto, se a ameaça foi cumprida. O importante, nesse caso, foi ter sido exposto um aspecto importante do processo social daquela penitenciária: refiro-me aos

intervalos de "anomia" intercalados aos de normalização. O tempo da anomia seria, ali, o tempo das vinganças e, consequentemente, o tempo da violência e da suspensão de qualquer garantia – como os direitos individuais, frequentemente desrespeitados pelos agentes públicos, porém garantidos pelo Estado. Enquanto que o tempo da normalização (mais constante) era representado, por exemplo, pela minha presença ali, tanto quanto pela "trégua" daqueles sujeitos quanto às ações – e comportamentos – que os levaram àquela condição de detentos. A propósito, poderíamos expor essa sucessão de tempos (anomia/normalização) nos termos da Geografia Política, partindo das definições de Souza (2009): digamos que a territorialização das relações de anomia desterritorializaria as relações de normalização e assim por diante.

Outro detalhe – esse menos significativo – é a frequência daquele cardápio, considerando que existem pessoas que propagam a ideia de que os presidiários comem iguarias; ou dormem em belas suítes etc. Na verdade, aquela estava longe de ser uma das piores penitenciárias do Brasil e, conforme testemunhei, come-se e dorme-se muito mal. Aliás, noutra ocasião um detento me implorou por uma blusa de frio, considerando que as celas não têm vidros nas janelas e que temperaturas de 9º C no inverno são comuns naquele município (INPE; CPTEC, 2017).

Em todo caso e seguindo as nossas reflexões, aquele microssistema (o Campo) pode ser analisado estruturalmente em dois planos evidentes: o primeiro é representado pela *oposição* agentes/detentos; e o segundo por uma *composição* (ou, se preferirem: "arranjo"). A *oposição* é mais evidente e os pontos de ruptura, denominados acima de "anomia", apenas comprovam que a relação dos funcionários da penitenciária (os agentes) com os detentos é um permanente "cabo de guerra".

Por outro lado, a segunda relação, aquela no plano de *composição* apresenta-se durante os momentos em que sujeitos externos à primeira relação interferem nela. Tal foi o que ocorreu quando me indispus com aquele agente, acerca da possível enfermidade do detento (que ficara 15 dias na solitária). Porém, quando motivei o conflito entre os dois detentos, acerca do cardápio do almoço, minha relação já encontrava-se num "novo plano", o qual poderia ser descrito como híbrido: junção dos dois planos "originais".

Essa é uma maneira – entre tantas outras – de enxergar as coisas. Ela tem um algo de Émile Durkheim ou talvez um quê do pai de todas as tipologias: o filósofo Aristóteles. Entretanto, quer me parecer que o apelo ao conceito de Campo torna a análise mais adequada – sem precisarmos nos preocupar com a possibilidade constante do desdobramento da tipologia em novos tipos ideais. No mesmo sentido, para com um método quase que etnográfico – tal é o método envolvido nas pesquisas de História de

Vida – o conceito de Bourdieu parece ser bastante coerente.

Assim, uma descrição, aqui, fundamentada na teoria de Bourdieu, nos indicaria regras de conduta específicas, conforme o interlocutor (indivíduo) e regras um pouco "gerais", conforme o grupo. Entre os agentes, podemos perceber uma certa uniformidade na conduta, devido ao fato óbvio de que são regidos pelo Direito Administrativo (o qual não admite omissão). Mas, as nuances são evidentes: o agente que lia a Bíblia e que se recusou a deixar aquele detento ir até a enfermaria; o encarregado pela Reabilitação[13] que, embora mantivesse o distanciamento, apresentava um grau de tolerância maior; etc.

Entre os detentos, um traço geral de conduta era a agressividade. Todos os atos e palavras se revestiam de gravidade, tudo era extremo – mesmo porque a existência *dentro* de uma cela é extrema. É desnecessário retomar aquele relato do detento que ficara 15 dias no chamado pote, para ilustrar a "extremidade" das circunstâncias. Tal agressividade justifica a reação do detento cozinheiro ante o comentário jocoso de seu colega, como também explica as decapitações recorrentes[14].

A propósito dessa agressividade, lembro-me de uma conversa com um detento. Ele me dissera que noutra época esteve na Penitenciária de [omitido para avaliação] – referida no início deste texto – e que os agentes haviam colocado em sua cela um estuprador – assim descrito pelo próprio agente. A situação é incomum, pois, normalmente, os condenados por crimes contra a dignidade sexual ficam em pavilhões ou mesmo presídios próprios, como uma garantia de vida. De qualquer modo, o estuprador foi empalado pelos "colegas" de cela, com um cabo de vassoura.

Manifestações como essa, de extrema crueldade são frequentes e, como acabei de destacar acima, eram uma regra de convivência. Muito embora existam as nuances, ou aquilo que Certeau (1996) definiu como "tática". Creio que é desnecessário afirmar que a agressividade não é um fim em si mesmo, mas um meio, uma forma de *retórica*. O seu objetivo, certamente, é a autoridade (o mando). Aqui, mais uma vez o conceito de Campo consegue nos auxiliar.

Os detentos não se acumulam no espaço como Aglomerados de Exclusão (HAESBAERT, 2003, p. 22), mas organizam-se, inclusive lançando mão de modelos pré-existentes. Atualmente, o PCC coloca-se como a Grande Organização de presidiários, organização essa que, da mesma forma que as empresas, monopolizou o serviço de

[13] O setor, no presídio, responsável pela política pública de ressocialização de detentos, mencionada aqui na Introdução.

[14] O agente da Reabilitação me contou que, em rebeliões anteriores, outras pessoas também foram decapitadas.

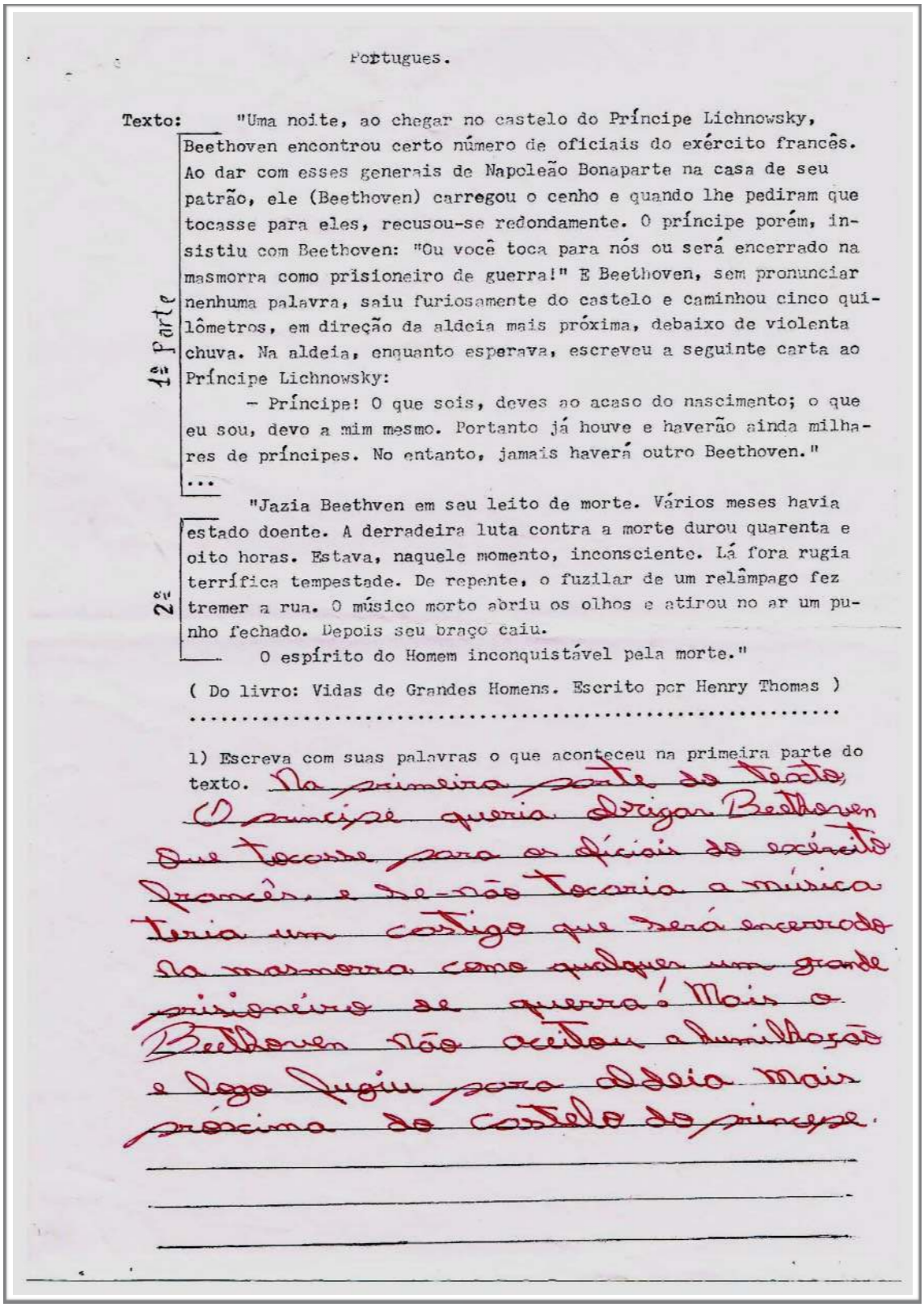
"representação" e "assistência"[15] aos detentos. Nesse sentido, os quadros do PCC se sobrepõem às possíveis soluções locais (os arranjos de poder). Inclusive, na forma como essa grande organização reescreveu as normas de conduta, garantindo a segurança de estupradores ("tradicionalmente" desprezados entre os próprios detentos) a ela filiados.

Bem. Eu poderia seguir o rastro dessa ideia ainda por um longo caminho, mas creio ser mais fecundo destacar outro aspecto daquele processo social, antes de finalizar este texto. Refiro-me ao fato (óbvio) de que, por piores que os presidiários sejam considerados – não sei se são piores do que nós, "cidadãos de bem"[16] – eles continuam sendo humanos: "O detento sabe muito bem que é um presidiário, um delinqüente, qual a distancia que medeia entre ele e as autoridades; mas não há sevícias nem correntes que consigam fazê-lo se esquecer que é um homem." (DOSTOIÉVSKI, 1972, p. 82)

O último acontecimento que quero narrar, nos leva à semana anterior ao meu desligamento (coisa, aliás, da qual falei no início deste texto). Nessa "semana anterior" eu preparei uma avaliação escrita, simples, com *quatro* questões de matemática ou raciocínio lógico, somadas a *seis* questões de leitura e interpretação e produção de texto; sendo que essas últimas podem ser vistas nas Figuras 3 e 4.

[15] Não estou sendo irônico, apenas utilizo os termos de maneira conotativa, pois desconheço qual é, realmente, o serviço prestado pela organização aos seus sectários.

[16] Agora sim, é o momento da ironia.



Portugues.

Texto: "Uma noite, ao chegar no castelo do Príncipe Lichnowsky, Beethoven encontrou certo número de oficiais do exército francês. Ao dar com esses generais de Napoleão Bonaparte na casa de seu patrão, ele (Beethoven) carregou o cenho e quando lhe pediram que tocasse para eles, recusou-se redondamente. O príncipe porém, insistiu com Beethoven: "Ou você toca para nós ou será encerrado na masmorra como prisioneiro de guerra!" E Beethoven, sem pronunciar nenhuma palavra, saiu furiosamente do castelo e caminhou cinco quilômetros, em direção da aldeia mais próxima, debaixo de violenta chuva. Na aldeia, enquanto esperava, escreveu a seguinte carta ao Príncipe Lichnowsky:

1ª Parte

— Príncipe! O que sois, deves ao acaso do nascimento; o que eu sou, devo a mim mesmo. Portanto já houve e haverão ainda milhares de príncipes. No entanto, jamais haverá outro Beethoven."

...

"Jazia Beethven em seu leito de morte. Vários meses havia estado doente. A derradeira luta contra a morte durou quarenta e oito horas. Estava, naquele momento, inconsciente. Lá fora rugia terrífica tempestade. De repente, o fuzilar de um relâmpago fez tremer a rua. O músico morto abriu os olhos e atirou no ar um punho fechado. Depois seu braço caiu.

2ª

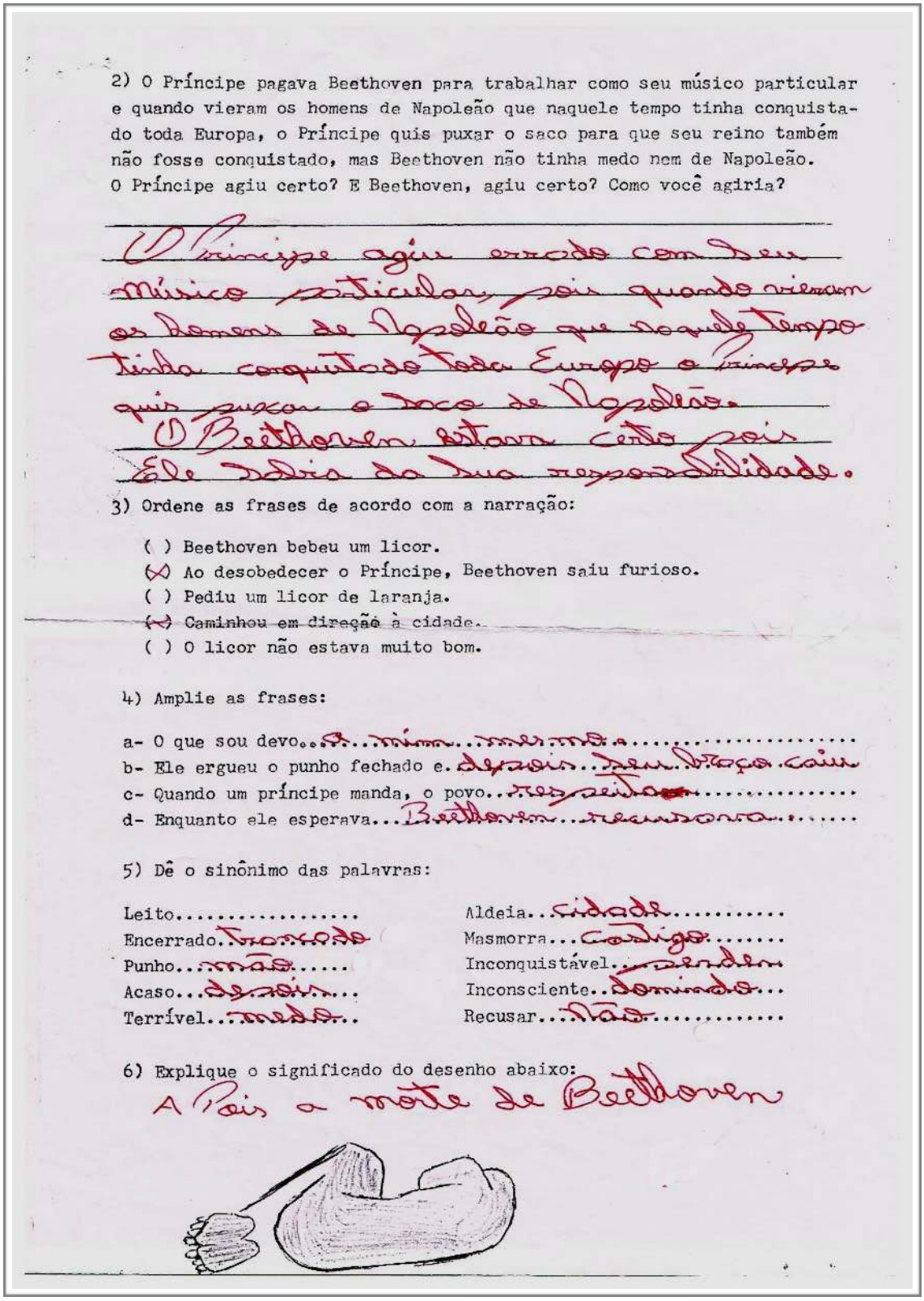
O espírito do Homem inconquistável pela morte."

(Do livro: Vidas de Grandes Homens. Escrito por Henry Thomas)

.....

1) Escreva com suas palavras o que aconteceu na primeira parte do texto. Na primeira parte do texto, O principe queria obrigar Beethoven que tocasse para os oficiais do exército francês, e se não tocaria a música teria um castigo que seria encerrado na masmorra como qualquer um grande prisioneiro de guerra. Mais o Beethoven não aceitou a humilhação e logo fugiu para aldeia mais próxima do castelo do principe.

Figura 3: Avaliação (parte) de um dos alunos.



2) O Príncipe pagava Beethoven para trabalhar como seu músico particular e quando vieram os homens de Napoleão que naquele tempo tinha conquistado toda Europa, o Príncipe quis puxar o saco para que seu reino também não fosse conquistado, mas Beethoven não tinha medo nem de Napoleão. O Príncipe agiu certo? E Beethoven, agiu certo? Como você agiria?

O Príncipe agiu errado com seu Músico particular, pois quando vieram os homens de Napoleão que naquele tempo tinha conquistado toda Europa o Príncipe quis puxar o saco de Napoleão.
O Beethoven estava certo pois Ele sabia da sua responsabilidade.

3) Ordene as frases de acordo com a narração:

( ) Beethoven bebeu um licor.
(X) Ao desobedecer o Príncipe, Beethoven saiu furioso.
( ) Pediu um licor de laranja.
(X) Caminhou em direção à cidade.
( ) O licor não estava muito bom.

4) Amplie as frases:

a- O que sou devo...a mim mesmo.....
b- Ele ergueu o punho fechado e.. depois seu braço caiu
c- Quando um príncipe manda, o povo.. respeita.....
d- Enquanto ele esperava... Beethoven recusava.....

5) Dê o sinônimo das palavras:

Leito.....
Encerrado.. trancado
Punho... mão.....
Acaso... depois...
Terrível... medo..

Aldeia.. cidade.....
Masmorra... castigo.....
Inconquistável.. perder
Inconsciente.. domindo...
Recusar... não.....

6) Explique o significado do desenho abaixo:
A Pois a morte de Beethoven

Figura 4: Avaliação (parte) de um dos alunos.

A aplicação do teste foi rigorosa e me mantive caminhando na sala, tal como ocorre numa avaliação sem consulta. Dos 15/20 alunos presentes, a maioria preencheu uma ou duas das questões e logo me entregou a prova. Entre os demais, algumas respostas foram muito interessantes. Na verdade, a última das questões pouco foi respondida, por envolver em seu conteúdo, estética (*vide* Figura 4). Porém, a minha surpresa reside, justamente numa das avaliações na qual lemos: "6) Explique o significado do desenho abaixo: Apois a morte de Beethoven".

Beethoven porque eu utilizara um fragmento de um livro que possuía (THOMAS, Henry. "Vida de grandes homens") como texto, para a prova. Utilizei uma biografia de Beethoven justamente porque sabia que ele era completamente desconhecido daquelas pessoas. Eles mataram pessoas (se não me engano, todos na sala tinham cometido um homicídio ao menos), mas, eles seriam capazes de estabelecer um vínculo com um dos chamados gênios da raça humana, simplesmente porque eles também eram humanos – foi essa a ideia (simplista) que me ocorreu.

Evidentemente, algo no texto contribuiu para que a identificação se estabelecesse. Beethoven era um espírito livre e o príncipe, que o ciceroneava, buscou obrigá-lo a bajular a grande autoridade que era Napoleão. Mas, Beethoven, cuja ousadia ficou marcada na história, quer pelo seu temperamento, quer pela sua originalidade (introduziu um coral numa sinfonia), se negou a obedecer e então: "O príncipe porém, insistiu com Beethoven: Ou você toca para nós ou será encerrado na masmorra como prisioneiro de guerra!" A mesma sentença que cada um daqueles alunos ouviram de outros príncipes (os juízes de direito).

Quero pensar que o que ocorreu foi aquilo que Paulo Freire descreve em seu livro, quando construiu (alfabetizando) o vocabulário de seus alunos com as palavras mais significativas para eles, como a palavra "tijolo" (FREIRE, 1979, p. 25). De qualquer forma, ainda não compreendo completamente o que aconteceu na ocasião daquela prova.

Considerações finais

Como visto, o espaço da penitenciária é organizado conforme regras próprias, mas não exclusivamente as regras do ente público que construiu esse mesmo espaço. Se assim fosse, ou seja, se as regras de conduta e circulação impostas aos grupos humanos

fossem obedecidas cegamente, as proposições da malfadada Ecologia Urbana[17] estariam comprovadas e nada mais restaria a ser dito acerca das interações humanas. Porém, uma análise como aquela apresentada acima, fundamentada no conceito de Campo, demonstra a complexidade da questão e não nos permite utilizar de generalizações, sob nenhum pretexto.

Ao mesmo tempo, podemos testemunhar a distância que existe, em termos de valores, entre indivíduos com trajetórias de vida diferentes, onde as alternativas e, portanto, as escolhas, são também muito distantes umas das outras. Uma certeza como essa, só nos fica visível quando lançamos mão desse recurso que um famoso antropólogo batizou como Descrição Densa[18]. O que implica numa compreensão do grupo humano a partir dos próprios termos dos seus integrantes e não conforme esquemas preconcebidos pelo pesquisador; ou mesmo conceitos.

Finalmente, creio ter conseguido mostrar – ainda que de soslaio – algo sobre o enorme desafio colocado ao professor que trabalha com detentos. O que poderia nos oferecer interessantes analogias para o estudo das populações em situação de vulnerabilidade, posto que essas são também marginalizadas (por outras razões).

Ao mesmo tempo, penso que a opção pelo aporte e pela "linguagem" das Histórias de Vida, oferece suas contribuições na tentativa de resgatar a importância dos significados e dos sentidos nos estudos de Geografia Humana, construindo, simultaneamente outras teias de sentido e significado, as quais são a essência da cultura e, *a fortiori*, da educação. E, claro, a contribuição pessoal – na minha e na nossa formação – do aporte aqui escolhido é desnecessário reafirmar.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Sérgio; SALLA, Fernando. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 7-29, set./dez. 2007.

BERNARDES, Vânia A. M. História e memória: o Programa Alfa. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia-MG, v. 1. n. 1, p. 115-120, jan./dez. 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand

[17] "Ao vincular o comportamento humano à competição econômica e a ordem social ao desdobramento espacial da divisão do trabalho, a primeira Escola de Chicago [ou seja, da Ecologia Urbana] defendia uma perspectiva comportamental. Além disso, seus membros desdenharam a importância dos valores culturais na interação social, a fim de se empenharem no isolamento de impulsos sociobiogênicos específicos que poderiam ser generalizados a todas as cidades, por ajudarem a estruturar o espaço." (GOTTDIENER, 1993, p. 39)

[18] "A realidade que os geógrafos estudam é sempre aquela de uma cultura particular. Como analisar essa realidade sem considerar seus recortes mais importantes, sem perder o que faz a sua especificidade? Ao desconfiar dos relatórios simples, por serem feitos na ótica do observador, o etnólogo Clifford Geertz [...] nos dá um norte. O etnólogo e o geógrafo devem praticar a arte da "descrição densa" (thick description). Trata-se da única maneira possível de integrar, pelo menos, algumas das particularidades culturais das populações e dos lugares estudados." (CLAVAL, 2013, p. 94)

Brasil, 1998.

CERTEAU, Michel de. **La invención de lo cotidiano:** el oficio de la Historia. Mexico: Ed. Iberoamericana, 1996. Vol. 1.

CLAVAL, Paul. Por Paul Claval. In: ALMEIDA, Maria Geralda; ARRAIS, Tadeu Alencar (Orgs.). **É geografia, é Paul Claval.** Goiânia: FUNAPE, 2013. p. 74-176.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovich. **Recordações da Casa dos Mortos.** Trad. Fernanda Pinto Rodrigues. [s.l.]: Publicações Europa-América, 1972.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação:** uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Trad. Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GOODSON, Ivor. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 63-78.

GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social do Espaço Urbano.** Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 1993.

HABERMAS, Jürgen. O conceito de poder de Hannah Arendt. In: FREITAG, Barbara; ROUNAT, Sérgio Paulo. (Orgs.). **Habermas.** São Paulo: Ática, 1987. p. 100-118.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 2003.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 79-111.

INPE; CPTEC. Previsão de tempo para cidades: Presidente Venceslau-SP. Disponível em: <http://www.cptec.inpe.br/cidades/tempo/4215>. Acesso em: 4 julho 2017.

MOURA, Rosa; CASTELLOBRANCO, Maria Luisa Gomes; FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini de Freitas. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 121-133, out./dez. 2005.

OLIVEIRA, José Eduardo Costa. **Violência Escolar:** os gestores, as interfaces com as unidades de apoio e as dificuldades de enfrentamento. São Paulo: Seven System Internacional, 2012.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE Tom. **Dicionário do pensamento social do Século XX.** Trad. Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. Trad. Paula Perin Vicentini. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 41-59.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 77-116.

TERMINA rebelião em unidade onde presos foram decapitados. **Folha Online**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u110073.shtml>. Acesso em: 31 maio 2017.

Recebido em 25 de fevereiro de 2018.

Aceito para publicação em 10 de dezembro de 2018.